

## "SAIR PARA O MUNDO" - TRABALHO, FAMÍLIA E LAZER NA REPRESENTAÇÃO DE EXCLUÍDOS\*

Ana Cristina Arantes Nasser\*\*

**Resumo:** Partindo do pressuposto teórico de que a relação dialética entre os três elementos que, segundo Henri Lefebvre, compõem a vida cotidiana - trabalho, família e lazer - é uma relação que se manifesta em sua negatividade, no universo dos excluídos sociais, e, portanto, só existe através das representações por eles construídas, o presente estudo tem como objetivo analisar essas representações pela mediação da categoria trabalho, no sentido de compreender sua dupla determinação, tanto no processo de ruptura do cotidiano, quanto na possibilidade de restabelecimento do mesmo, para um grupo de albergados da Cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Tempo; trabalho; relação; representação; exclusão; cotidiano.

O projeto inicial deste estudo nasceu da inquietação em torno do tema da construção da representação do trabalho no universo masculino, buscando, porém, analisar a questão em sua *negatividade*, no sentido de apreender como homens excluídos do mercado formal de trabalho representavam a categoria *trabalho*, logrando manter/ou não, através desta representação, sua identidade original de trabalhador.

Contudo, o fato da exclusão social não poder ser analisado apenas no que se refere ao âmbito do trabalho, sem considerar seus desdobramentos a partir da relação entre o trabalho e os outros níveis da prática social, levou-me a ampliar a questão original, buscando, então, compreender o que pode ocorrer ao *cotidiano* de determinados indivíduos quando, mesmo enfrentando privações no plano material, social, político, ético, estético, não conseguem supri-las, por estarem, inclusive, privados da satisfação da primeira das necessidades humanas, o *trabalho*.

Não se tratava, portanto, de estudar as representações construídas por indivíduos temporária e recentemente desempregados, mas sim, por indivíduos *proscritos*, que não mais existem como trabalhadores *prescritos* segundo as leis do

---

\* O texto desta comunicação baseou-se na Tese de Doutorado, de mesmo título, defendida no Departamento de Sociologia da FFLCH/USP, em 1996.

\*\* Departamento de Sociologia - FFLCH/USP.

mercado de trabalho formal, e que apenas *sobrevivem*, satisfazendo precariamente suas necessidades de existência através do *assistencialismo*.

Cumpria, então, buscar compreender o universo das representações construídas por indivíduos que vivenciam um processo de exclusão que não é passageiro, mas, ao contrário, amplia-se e se reproduz, renovando-se e, ao mesmo tempo, perpetuando-se, no âmbito dos diferentes níveis da prática social.

Assim, além de pessoas potencialmente excluídas do mercado formal de trabalho urbano - devido à baixa ou inexistente qualificação profissional, ao analfabetismo ou incipiente grau de escolaridade, ou ainda, às condições de vida e de saúde comprometedoras da reprodução de sua força de trabalho - este estudo também procurou levar em conta indivíduos que, embora qualificados, foram perdendo seus antigos postos de trabalho, não mais conseguindo reinsserir-se no mercado formal.

O processo de exclusão vivido por esses homens, no e através do mercado de trabalho, repercute, sob a forma de sucessivas perdas, na totalidade de suas vidas, enquanto indivíduos sociais. Em primeiro lugar, é preciso considerar que por não se relacionarem *mais/ou ainda* com o trabalho, como trabalhadores formais, também não se relacionam com o dinheiro, enquanto remuneração pela venda contratual de sua força de trabalho, mas tão somente com o dinheiro sob a forma de "trocados" provenientes dos "bicos" executados, ou mais comumente, sob a forma de esmolas recebidas. Para agravar ainda mais o processo de exclusão vivido por esses indivíduos, que já não são identificados como trabalhadores, muitos deles também não têm existência legal, pois "perderam" (por extravio real, por roubo, ou por ocultamento voluntário) os documentos que os identificavam como cidadãos perante o Estado e suas instituições.

A representação socialmente construída da não-identidade desses indivíduos é reforçada pela ausência de outros referenciais importantes, uma vez que se trata de pessoas que perderam seu lar (entendido simultaneamente como espaço físico e espaço de relações pessoais e sociais) e, conseqüentemente, romperam os vínculos que mantinham com a família, os vizinhos e amigos de outrora, com o bairro, a cidade ou o estado de origem, e também com os espaços institucionais e de lazer antes ocupados. São pessoas que já não mantêm, migrantes ou não, os mesmos referenciais de uso da cidade de São Paulo, assim como, geralmente, substituíram os referenciais simbólicos que outrora norteavam seus princípios morais e religiosos, suas crenças e superstições, pois eles não mais se adequam ao seu atual modo de vida.

Reconhecendo, portanto, a relação entre a exclusão no e pelo mundo do trabalho com a exclusão dos demais domínios da prática social, partiu-se do pressuposto de que a relação dialética entre os três elementos que, na concepção lefebvriana, compõem a *vida cotidiana* na sociedade capitalista - trabalho, família e lazer - é uma relação que se manifesta em sua negatividade, no universo dos excluídos sociais e, portanto, só existe através das *representações* por eles construídas.

Para Henri Lefebvre, autor fortemente preocupado em revelar a importância do estudo do *cotidiano* através da construção de sua análise crítica, as *representações* constituem o *percebido* que interpreta o *vivido* e a prática, pois “não se pode compreender e viver uma situação, sem representá-la”, assim como não se pode tentar transformar essa mesma situação, sem uma crítica das representações que dela se faz. As representações, sob a forma de signos e símbolos, tomam o lugar das coisas, como um substituto da *presença* na *ausência*, sendo possível designar, através da linguagem, o objeto ausente, preenchendo sua ausência através das representações do mesmo.

Portanto, é no âmbito dessa análise teórica que se torna possível apreender o sentido do trabalho no universo de indivíduos cuja força de trabalho não mais /ou ainda não se realiza no mercado formal de trabalho; indivíduos que já não mantêm vínculos com a família, embora até possam ter breves e esporádicos contatos com alguns de seus membros; e que não mais exercem atividades de lazer (entendido enquanto espaço de oposição e compensação ao trabalho). É, portanto, através das representações, que esses homens podem reconstruir a memória dos tempos de sua vida pregressa de trabalhador (urbano ou não), chefe ou arrimo de família, que se divertia nos momentos livres de trabalho, podendo, com isso, confrontar seu passado de carências e também de possibilidades não-realizadas, com seu presente de total exclusão, permitindo-se sonhar um futuro que não se constitua apenas como presença enquanto ausência.

No âmbito dessa perspectiva teórica, tomei, então, como universo empírico de análise, homens - solteiros, descasados ou viúvos - que, devido à interrupção ou ao rompimento, geralmente simultâneos, de suas relações familiares e de trabalho, saíram de casa e, hoje, vivem sós, na Cidade de São Paulo, sem lar e sem emprego, caracterizando suas trajetórias de vida e de trabalho pelo nomadismo e pela transitoriedade.

Realizei a pesquisa empírica em um local que, como o viver desses indivíduos, também é marcado pela transitoriedade em busca de relações de permanência. Trata-se de um Albergue Noturno, onde eles se abrigam temporariamente, buscando realizar sua (re)inserção no mercado de trabalho e o (re)estabelecimento de seus vínculos familiares, bem como alcançar sua libertação do alcoolismo.

Entrevistei vinte e oito albergados, dois funcionários (o zelador e o cozinheiro - eles também antigos albergados), a diretora e a assistente social da Instituição, e ainda dois de seus mais antigos plantonistas voluntários. O número de entrevistas não foi estabelecido a priori, mas sim porque se atingiu o chamado “ponto de saturação”.

Apenas como recurso formal de análise, dividi os albergados em quatro “grupos”:

- a) um “grupo” com idade variando entre 20 e 56 anos de idade, composto exclusivamente de migrantes antigos (quatro) e recentes (seis), que vieram para a me-

- trópole na tentativa de tornarem-se donos da remuneração pela venda de sua força de trabalho. Simultaneamente à inserção (ou tentativa de) em relações capitalistas de trabalho, este "grupo" também experimentou a ruptura de seus vínculos familiares, ao chegar ao seu lugar de destino;
- b) um "grupo" constituído exclusivamente por jovens solteiros, três migrantes e três nascidos na capital, com idade entre 23 e 47 anos, cuja busca de ingresso no mercado formal de trabalho foi determinada pelo rompimento das relações familiares, após a morte da mãe, ocorrida durante sua adolescência;
  - c) um "grupo" formado por sete homens casados, que abandonaram o lar após o rompimento não-oficializado de seus casamentos, migrando para outras cidades ou estados, sempre à procura de trabalho. A história familiar desses indivíduos, com idade entre 28 e 74 anos, afetou e foi afetada por sua história de trabalho: ao longo dos anos, muitas vezes, o abandono da família foi justificado pela procura ou obtenção de um novo posto de trabalho, que, igualmente, também era abandonado em nome do reencontro com a família, até que acabaram por romper definitivamente seu casamento, e, em alguns casos, inclusive, o contato com os filhos;
  - d) um "grupo" de indivíduos egressos das classes médias, com formação universitária ou técnica (completas ou não), formado por quatro migrantes e um imigrante, há muito tempo residentes na capital. Com idade entre 45 e 64 anos, esses homens gozaram de um certo prestígio social e de uma situação de vida confortável, até o final dos anos 80, quando, simultaneamente, perderam o contato familiar e a possibilidade de exercício de sua atividade profissional.

O estudo do universo social desses "grupos" de excluídos versou fundamentalmente sobre a temática do "sair para o mundo" - uma expressão cunhada pelos próprios entrevistados, para definir os diferentes momentos de ruptura que marcaram suas vidas. "Sair para o mundo" significa romper os antigos vínculos sociais e partir em busca de novas relações pessoais e de trabalho, compreendendo, portanto, não só o ato da migração geográfica, como também o momento do abandono do emprego e/ou da atividade profissional, ou ainda do abandono da casa paterna e/ou do papel de chefe de família.

Mas, qual era esse "mundo" que os albergados buscavam, qual foi o mundo que eles encontraram e qual é o mundo que eles ainda esperam encontrar?

Ao saírem para o mundo, esses homens renunciaram ao espaço da casa-lar, atraídos pela aventura de viver onde bem quisessem, resistindo a submeter-se ao tempo obrigado das relações de trabalho, ao tempo livre devidamente estabelecido e controlado pelo primeiro, e, ainda, ao tempo dos compromissos e das responsabilidades familiares, em nome de um tempo isento de obrigações e que apenas atendesse ao seu livre arbítrio.

Hoje, porém, eles constroem uma crítica espontânea a esse livre arbítrio, identificando em sua "falta de cabeça", a explicação para terem deixado passar o

tempo do estudo, o tempo das relações de trabalho contratualmente estabelecidas e, ainda, o tempo da boa convivência familiar. Assim como explicam, por outro lado, que a causa dessa “falta de cabeça” e, conseqüentemente, do tempo desperdiçado - que quanto mais sobra, mais aparece a eles como falta - reside no alcoolismo e, para muitos, também no vício pelas drogas.

Dramaticamente, a história de alcoolismo preencheu metade, ou mais, dos anos de existência desses homens, e ocupou tantos espaços de suas memórias, que minimizou, ou até mesmo, anulou os tempos despendidos em outros domínios de sua vida cotidiana, como se realmente não lhes houvesse sobrado “tempo pra nada”.

Desta forma, o “sair para o mundo”, ou a passagem da casa para a rua, do conhecido para o desconhecido - uma transição que deveria ser apenas um momento datado e localizado de ruptura de relações - acabou por se perpetuar como uma situação de *permanente transitoriedade*. Esta situação se caracteriza pelos curtos e difusos períodos vividos em sempre distintos locais de trabalho e de moradia, fazendo de suas vidas um permanente recomeçar do mesmo ponto de partida, qual seja, a necessidade de obter trabalho. Portanto, sob tal situação de transitoriedade, eles convivem, ambivalentemente, com a esperança e o sonho de “um canto para morar”, que seja conquistado através de “um trabalho fichado em carteira”

Assim, os albergados se encontram, hoje, como no momento em que “saíram para o mundo”, numa *situação-limite* que permeia os vários níveis de sua prática social.

Eles vivem uma situação-limite entre o trabalhador que eles foram e o mendigo no qual eles temem se tornar. Por isso, eles procuram viver circunstancialmente nas ruas e preferencialmente em albergues - entendidos como espaços-limite entre a casa e a rua, entre o público e o privado, onde eles ainda julgam possível reproduzir certas características básicas de sua vida de outrora, sobretudo pela possibilidade de manterem o asseio do corpo e das roupas, e de terem um lugar para dormir, dispondo de um tempo para procurarem trabalho.

Assim, se outrora eles se qualificavam (substantivamente) como “trabalhadores”, hoje, eles se representam (adjetivamente) como “homens trabalhadores”: homens que, por gostarem de trabalhar, contrapõem-se ao mendigo, na medida em que ainda buscam se relacionar com o mundo através do trabalho.

Ainda que, no presente, o trabalho seja concretamente vivido como sinônimo de “estar em atividade” - mesmo que pela submissão ao mercado informal ou ilegal de trabalho -, permanece, contudo, a representação de valorização do trabalho assalariado estabelecido contratualmente. É através da inserção no mercado formal de trabalho, que eles julgam possível restabelecer seus vínculos sociais e reconstruir sua vida cotidiana.

Por isso, mesmo que o mendigo seja o seu guia para o uso da cidade - na medida em que lhes fornece orientação para percorrerem os diferentes pontos da cidade, em busca de abrigo e alimentação - o mendigo também é o espectro que os

atormenta e ao qual eles precisam continuamente se contrapor, na tentativa de preservação de sua identidade de *trabalhadores*.

Os albergados "saíram para o mundo" buscando obter, como costumam dizer, uma "melhoria de vida". Em suas representações tal "melhoria de vida" não significava o acesso a um mundo radicalmente novo, mas apenas qualitativamente diferente daquele que quiseram abandonar: o mundo sonhado significava a realização de um cotidiano onde o trabalho não mais se constituísse como uma extensão da unidade familiar, onde cada um tivesse seu próprio canto para viver e onde o tempo da festa não fosse controlado e vigiado pela família. Buscavam, portanto, um mundo que continuasse sendo regido pela mesma relação triádica, mas onde houvesse, porém, pleno equilíbrio entre os tempos e espaços de realização e existência de cada um dos elementos dessa relação.

O mundo sonhado se constrói, portanto, como uma *crítica espontânea* ao mundo do qual saíram. Tal crítica nasce no momento da exclusão, ou seja, no momento em que eles *saíram do mundo* e vivem a ausência da relação com o trabalho, a família e o lazer, mas são, no entanto, capazes de elaborar as representações sobre o cotidiano que abandonaram antes de "sair para o mundo", o qual, diga-se, ainda não era plenamente constituído em sua positividade.

Portanto, é a partir da crítica espontânea, estabelecida ao nível das representações, que eles pretendem alcançar a realização de seu cotidiano, através da plena ocupação dos espaços de suas vidas pelos tempos do trabalho, da família e do lazer. Por isso, nenhum deles pretende voltar ao convívio familiar no mesmo lar que abandonaram, nenhum deles quer repetir as experiências de relações informais de trabalho, e todos eles almejam ter acesso a um tempo livre (não-ocioso) dedicado ao lazer.

Hoje, eles esperam atingir simultaneamente o equilíbrio e a separação entre esses três tempos, através da mediação do trabalho. No passado, contudo, mesmo que a inserção em relações capitalistas de trabalho fosse representada como o *projeto* para alcançar a sonhada "melhoria de vida", a *estratégia* utilizada para romper momentaneamente o domínio opressor dos tempos do trabalho e da família consistiu em ampliar desproporcionalmente o tempo da festa.

Foi assim que o antigo lazer de beber fora de casa, nos bares, em companhia dos amigos e dos parentes, foi cedendo lugar ao *vício* solitário e foi ocupando cada vez mais espaço nos outros tempos da vida desses homens.

À deterioração do lazer em vício - geralmente já presente na vida dos entrevistados antes mesmo de migrarem de casa para o mundo - somaram-se as condições de vida encontradas na metrópole, onde a maioria deles não conseguiu encontrar trabalho. Neste mundo novo de privações, a liberdade de usufruir de um tempo dedicado ao lazer, ainda que sob a forma de vício, dissimulava, então, a exclusão real vivida nos tempos do trabalho e da família.

Sem trabalho, sem casa, sem família e sem lazer (já que não mais viviam o tempo livre do trabalho, mas apenas o tempo da ausência de trabalho), esses indivíduos tornaram-se excluídos sociais.

Se antes, a maioria deles não vivia o cotidiano em sua constituição plena, mas tão somente o seu limiar, hoje, ainda mais dramaticamente, eles vivem a relação com o trabalho, a família e o lazer apenas sob a forma de representações, isto é, como substitutos da presença na ausência.

Por isso, quando esses homens dos albergues da noite encontram (como costumam dizer) *tempo* para refletir sobre suas vidas, representam o trabalho como a única saída possível para a sua exclusão do cotidiano capitalista.

O grande desejo desses excluídos é (re)estabelecer sua relação com o trabalho para, através dela, realizar sua relação com a família e o lazer. Ao serem privados do trabalho, eles foram privados do cotidiano, ou seja, do próprio mundo em busca do qual saíram.

Hoje, eles não vivem a vida cotidiana, mas apenas sobrevivem *embaixo e abaixo* dela (isto é, subterrânea e inferiormente a ela), numa zona escura que lhe é marginal, ainda que seja por ela produzida. Por isso, eles se submetem à intermitência dos trabalhos informais e ilegais que, por sua vez, determinam seu constante nomadismo para fugir da fome e do desespero. Por isso também, eles se escondem à noite, nos albergues, e neles tentam suprir a carência de um lar, assim como se ocultam, durante o dia, nos cinemas, nas igrejas, nos trens e ônibus, ou então, dissimulam-se no meio de outras pessoas, nas praças e parques públicos, à procura de passatempo e diversão.

Os albergados entrevistados não têm cotidiano (na especificidade desta acepção na sociedade capitalista) e apenas constituem sua sobrevivência *diária*, nas *sombras* e nas *sobras* do cotidiano. Por isso, refletir sobre o cotidiano dos excluídos significa apreender suas estratégias e formas de sobrevivência *ciclicamente* construídas no dia-a-dia, enquanto o cotidiano dos incluídos, ao contrário, define-se pelo tempo *linear* de trabalho estabelecido pelas relações capitalistas de trabalho.

Os excluídos têm um sobreviver diário, mas não um viver cotidiano, ainda que se relacionem com esse cotidiano por meio da reprodução de suas representações.

Isso significa dizer que, mesmo privados do cotidiano, os albergados não estão privados das representações que lhes permitem sobreviver no e ao mundo de exclusão onde agora vivem.

Enquanto puderem reproduzir a única coisa na vida da qual não estão excluídos, isto é, suas representações, eles continuarão podendo se diferenciar dos mendigos, e continuarão buscando se realizar, pela primeira vez ou novamente, como trabalhadores formais.

Enquanto puderem reproduzir essas representações, haverá esperanças para que eles saiam das sombras e conquistem o cotidiano, isto é, o mundo com o qual tanto sonharam e ainda sonham.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. "Memória e sociedade: lembranças de velhos". *Estudos Brasileiros*, São Paulo, EDUSP, 1987. Vol. 1.
- DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne I e III*. Paris, L'Arche Éditeur, 1977 e 1981.
- \_\_\_\_\_. *Présence et l'absence: contribution à la théorie des représentations*. Belgique, Castermann, 1980.

**Abstract:** Taking the theoretical presupposition that the dialectic relationship between the three elements which, according to Henri Lefebvre, constitute the quotidian life - work, family and leisure - is a relationship which reveals itself at its negativity, at the world of the social excludeds, and, therefore, only exists through the representations they have built, the aim of the present study is the analysis of these representations through the category work, in order to understand its double role, being at the rupture process of the quotidian, as well as, at the possibility of re-establishing it for one group of homeless living in shelters at the city of São Paulo.

**Keywords:** Time, Work, Relationship, Representation, Exclusion, Quotidian.